

Edição v. 39  
número 2 / 2020

Contracampo e-ISSN 2238-2577  
Niterói (RJ), 39 (2)  
ago/2020-nov/2020

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

## A Fábrica de Monstros: performances da masculinidade em entrevistas com Léo Stronda

### The Factory of Monsters: the performances of masculinity in interviews with Léo Stronda

#### IGOR SACRAMENTO

Fundação Oswaldo Cruz/Universidade Federal do Rio de Janeiro (Fiocruz/UFRJ) – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.  
E-mail: igorsacramento@gmail.com. ORCID: 0000-0003-1509-4778.

#### DANIELLE RAMOS BRASILIENSE

Universidade Federal Fluminense (UFF) – Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.  
E-mail: dabrasiliense@gmail.com. ORCID: 0000-0003-2772-639X

#### JULIO CESAR SANCHES

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: sanches.julius@gmail.com. ORCID: 0000-0001-8707-4966.

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SACRAMENTO, Igor; BRASILIENSE, Danielle Ramos; SANCHES, Julio Cesar. A Fábrica de Monstros: performances da masculinidade em entrevistas com Léo Stronda. *Contracampo*, Niterói, v. 39, n. 2, p. 164-177, ago./nov. 2020.

**Submissão em: 04/11/2019. Revisor A: 24/03/2020; Revisor B: 31/03/2020. Aceite em: 10/04/2020**

DOI – <http://doi.org/10.22409/contracampo.v39i2.38416>

## Resumo

Nos últimos anos, percebemos o uso frequente de palavras como monstro e monstro não só como qualificadores de corpos masculinos musculosos, mas também como vetores da identificação da virilidade como valor pelo *bodybuilding*. Neste texto, analisaremos esses discursos por meio de entrevistas com Léo Stronda, cujas performances da masculinidade consistem nos modos de afirmação de um projeto identitário centrado na reavaliação da monstruosidade. Nossa análise consistirá em duas etapas. Na primeira, abordaremos os modos como Léo Stronda se identifica como monstro, reelaborando seu passado e projetando um futuro, o que o permite afirmar uma autoridade por meio da conquista do corpo-monstro. Em seguida, tratamos dos comentários aos vídeos e do reconhecimento do *youtuber* como modelo e guru dos que desejam também serem chamados reconhecidos como monstros. Concluímos que a associação entre masculinidade e monstruosidade em um sentido positivo contribui para a construção da virilidade pela brutalidade e preocupação com a aparência, o que configura a forma corporal como parte de um estilo de vida.

### Palavras-chave

Corpo; Identidade; Masculinidade.

## Abstract

In recent years, we have been seeing words such as monster and big monster being more often used as qualifiers of muscular male bodies, but also as vectors of virility as value for bodybuilding. In this work, we will try to observe through interviews with Léo Stronda, whose performances of masculinity in the ways of affirming an identity project centered on a reevaluation of monstrosity. Our analysis will consist of two steps. In the first part, we will discuss the ways in which Léo Stronda identifies himself as a monster, re-elaborating his past and projecting a future, which allows him to seek to assert an authority through the conquest of the monster body. Next we look at the comments on the videos and the recognition of youtuber as the model and guru of "being a monster". We conclude that the association between masculinity and monstrosity in a positive sense contributes to the construction of virility by the brutality and by the concern with appearance, which shapes the body as part of a lifestyle.

### Keywords

Body; Identit; Masculinity.

## Introdução

“Virar monstro”, “vem, monstro”, “crescer”, “ficar grandão”, “monstrão”. Expressões como essas marcam os espaços das academias de ginástica no meio daqueles que se dedicam ao *bodybuilding*.<sup>1</sup> Esses termos, nos últimos anos, porém, tornaram-se populares na vida cotidiana, especialmente entre os homens que se preocupam tanto com as formas anatômicas do seu corpo, no que diz respeito à estética, quanto com seu caráter masculino. Desse modo, enfatizam, em uma nova relação com o corpo, uma transformação no sentido de monstruosidade. Positivado, o monstro não é necessariamente o outro da normalidade, o seu extremo oposto, radical, daquele que está marcado por uma transgressão dos limites naturais e das classificações. Ao longo do século XX, há um processo de objetificação da monstruosidade pela ciência, o que descolou a monstruosidade do âmbito da natureza para o do comportamento: “vemos que se esboça uma mudança, que é de certo modo a autonomização de uma monstruosidade moral, de uma monstruosidade de comportamento que transpõe a velha categoria do monstro, do domínio da alteração somática e natural para o domínio da criminalidade pura e simples” (FOUCAULT, 2010, p. 75).

Ao pensarmos nos corpos que sofrem, de que fala Judith Butler (2011), relacionando-os à monstruosidade como anormalidade, nos veio à memória a série televisiva, de sucesso nos anos 1980, no Brasil chamada *O Incrível Hulk*. O cientista David Banner, vivido pelo ator Bill Bixby, é vítima de um efeito radiativo após testes com uma bomba que acabaria com doenças. Sob esse efeito, David se transforma em determinados momentos em um monstro grande, verde e musculoso, cuja intensidade do aumento do seu corpo rasga a sua roupa pequena de homem franzino e comum. Lou Ferrigno, o ator que interpreta Hulk transformado, tinha 1,94m de altura e pesava 135 quilos. Forte, exótico e eficaz, Hulk faz as pessoas terem medo e admiração por ele. Mas ao passar o efeito da sua transformação, o personagem sofre, por vezes chora por ter que carregar para sempre com ele aquele monstro que surge sem que ele controle. Os finais dos episódios de *Incrível Hulk* são sempre iguais, com a mesma música triste que marca o momento de solidão daquele monstro disfarçado que jamais conseguirá conviver normalmente em sociedade.

O que nos chama a atenção é o deslocamento do sofrimento em ser monstro para uma valorização. Ao contrário do que vimos em Hulk, não se sofre mais para ser apresentado como monstro, especialmente no que diz respeito à performance do corpo escultural masculino. Sofre-se por não se ter o corpo grande e com musculatura hipertrofiada, pois este é o ideal. Busca-se ser monstro. A monstruosidade de Hulk não era de natureza má, apenas seu corpo grande e bruto era percebido como desproporcional aos outros. Embora isso gerasse na personagem incômodo, sensação de desajuste e desvio, fazia dele um homem mais forte, mais potente, que hipnotizava os outros pela sua diferença corporal. O que temos contemporaneamente é a possibilidade de corpo-monstro que não é mais uma razão de tristeza, mas tem o tom de felicidade e plenitude como performance de uma masculinidade normalizada.

Criado em 14 de abril de 2014, o canal do YouTube *Fábrica de Monstros* se dedica a reforçar que o corpo bastante musculoso deixa de ser o signo da anormalidade ou extraordinariedade para o da normalidade ou ordinariedade, configurando um tipo de masculinidade e de corpo masculino que exterioriza a virilidade, a força, e também o cuidado consigo mesmo. O primeiro vídeo faz parte da *playlist* Monstro na Cozinha, quadro do canal que dialoga com os programas de culinária da TV com algumas mudanças importantes na linguagem. O jovem apresentador dos vídeos, Léo Stronda, veste avental por cima do dorso desnudo, para mostrar o corpo musculoso, apenas prepara receitas que incentiva seus espectadores a se tornarem monstros e tampouco se importa com as formalidades e decoro comuns nesse formato na TV, geralmente endereçado a donas de casa.<sup>2</sup> Fala palavrões, ofende seus expectadores chamando-os de frangos ou franguetes.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Frango e seus derivados são expressões geralmente associados em oposição a monstro. O frango é tanto o não praticante quanto o inicialmente na prática de musculação, não conhece métodos e técnicas suficientes.

Pensando sobre isso, vamos analisar neste trabalho a performance de Léo Stronda, que se assume positivamente como monstro e não sente culpa ou tristeza por fazê-lo, muito pelo contrário. Nosso *corpus* se concentra em um vídeo do canal do YouTube, *Fábrica de Monstros*, em que Léo Stronda entrevista a si mesmo, publicada em 30 de abril de 2015, e uma outra entrevista para o programa *The Noite com Danilo Gentili*, do SBT, exibida em 30 de dezembro de 2015, e publicada no canal do YouTube no mesmo dia.

Nossa análise considerará os discursos e entrevistas de Léo Stronda, nas quais ele valoriza o corpo-monstro e a si mesmo como autoridade na conquista de modelo corporal ideal. Assim, embora se recorde como um “frango”, é a produção dessa memória e de uma ruptura performática com seu próprio passado que o legitima no presente como monstro e faz seguir buscando meios para continuar sendo prestigiado como tal. Buscamos, como estratégia metodológica, a sincronia com o tempo da publicação dos vídeos para podermos analisar os modos de expressão da masculinidade-monstro, bem como a dinâmica de reconhecimento do “ser monstro” como projeto identitário de Léo Stronda e seus espectadores.

Dividimos este texto em três partes, além desta introdução e das considerações finais. Primeiro apresentamos elementos teóricos básicos para a noção compreensão do processo de valoração da masculinidade-monstro como um projeto identitário. Depois, tratamos da análise do vídeo do canal *Fábrica de Monstros* e, na sequência, da entrevista para o programa.

## O projeto de masculinidade-monstro

Com mais frequência, observamos processos de reavaliação do corpo musculoso na contemporaneidade. Nas formas de expressão utilizadas por Léo Stronda nos vídeos, ao se autoafirmar como monstro e como plenamente capacitado para instruir a seus seguidores sobre como se tornar monstro, vemos o processo de construção de identidade envolvendo valoração e reconhecimento. Nesse sentido, o reconhecimento da autoridade de Léo Stronda como modelo e guru da monstruosidade musculosa, por meio de comentários aos vídeos, permite observar o quanto o trabalho pessoal sobre o corpo se configura como uma forma de expertise. O corpo está, portanto, em um estado contínuo de “inacabamento”; o corpo é “visto como uma entidade que está em processo de transformação; um projeto que deve ser trabalhado e realizado como parte da autoidentidade de um indivíduo” (SHILLING, 1993, p. 5). Um modo de pensar a configuração contemporânea da cultura somática do desenvolvimento de “projetos corporais”. Projetos corporais são formas de construir identidades pessoais e coletivas por meio do corpo, particularmente da superfície do corpo.

Como observa Jurandir Freire Costa, “cultura do corpo, ou culto ao corpo, não é uma definição; é um recurso de ênfase. A designação imprecisa chama a atenção para o fato de o corpo ter-se tornado um referente privilegiado para a construção das identidades pessoais” (COSTA, 2004, p. 203). Ainda segundo Costa, condicionam a cultura somática contemporânea dois fenômenos: “o remapeamento cognitivo do corpo físico e a invasão da cultura pela moral do espetáculo” (COSTA, 2004, p. 204). O primeiro é o responsável por fornecer as justificativas racionais para reescrevermos o que somos. Já o segundo aspecto contribui para definir as normas morais do que devemos ser, observando o sistema cultural estruturado em torno da regulação dos corpos.

Há um conjunto diversificado de saberes, técnicas e produtos disponíveis no mercado de saúde contemporâneo, garantindo a possibilidade de instauração daquilo que Nikolas Rose (2014) chama de ética somática. Isto é, torna-se imperativo aos indivíduos a responsabilidade pelo gerenciamento dos riscos da doença e do envelhecimento, pela hipertrofia, pela diminuição do percentual de gordura, pelo melhoramento contínuo do corpo, pela longevidade e pela vitalidade a partir de escolhas e projeções que parecem definir o curso da vida. Na sociedade contemporânea, de fato, “temos os meios para exercer um grau sem precedentes de controle sobre os corpos, mas também estamos vivendo em uma era que colocou em dúvida radical o nosso conhecimento sobre o que são os corpos e como devemos controlá-

los” (SHILLING, 1993, p. 3). O corpo está se tornando “cada vez mais um fenômeno de opções e escolhas” (SHILLING, 1993, p. 3). Escolher um projeto de corpo depende do reconhecimento da falência de uma estrutura do passado para entrar em ação. Desse modo, não se pode ignorar que “a consistência do projeto corporal depende, fundamentalmente, da memória que fornece os indicadores básicos de um passado que produziu as circunstâncias do presente, sem a consciência das quais seria impossível ter ou elaborar projetos” (VELHO, 1994, p. 101, grifos do original).

A possibilidade de associação da masculinidade à monstrosidade em um sentido positivo, como um *projeto corporal* legitimado e reconhecido amplamente, verifica-se por meio de processos de normalização. Processos como esses, esclarece Foucault (1988), se referem a como o poder é tanto totalizador, porque controla todos os aspectos da vida, criando pressão para se conformar às normas, e individualizante, porque aqueles que estão fora da norma são marcados como desviantes e direcionados a estratégias disciplinares projetadas para neutralizar seu desvio. Em nossa reflexão, a partir disso, na base da produção de masculinidades, está o processo de normalização de certas construções identitárias e, ao mesmo tempo, de determinação do lugar em que um indivíduo é posicionado no sistema hierárquico de masculinidades. No entanto, tal conformação não é alcançada por meio da coerção ou da força, mas sim pelo desejo. Ao construir concepções de normalidade e desvio, o poder faz as normas se tornarem morais, boas e corretas, e cria o desejo de se conformar e se ajustar a essas normas. O poder seria frágil se a sua única função fosse reprimir, se funcionasse apenas e unicamente como forma de censura, exclusão, bloqueio e repressão. Para Foucault (1988), o poder produz efeitos nos níveis do desejo e do conhecimento. Para nós, esses efeitos também se dão nos projetos identitário-corporais afirmados, defendidos e propagados por determinados indivíduos, como no caso da masculinidade-monstro.

Acreditamos que o corpo, como um local para a inscrição e repetição de determinadas práticas de masculinidade, é governado por normas que ditam a negociação de certas práticas significantes e psíquicas que informam a maioria dos homens de acordo com a prática regulatória da heterossexualidade compulsória. O sexo é “uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir – demarcar, fazer, circular, os corpos que ela controla” (BUTLER, 2011, p. 1). Trata-se, portanto, de “um ideal regulatório cuja materialização é imposta: essa materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas” (BUTLER, 2011, p. 1). Em outras palavras, o que se chama de sexo é um construto ideal que é forçosamente materializado por meio de tempos e espaços. Tal formulação “tira a concepção do gênero do solo de um modelo substancial da identidade, deslocando-a para um outro que requer concebê-lo como uma temporalidade social constituída” (BUTLER, 2010, p. 243). Afinal, “ele não é um simples fato ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o “sexo” e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas” (BUTLER, 2011, p. 1-2).

Para entender isso, a autora se vale de duas noções: performatividade e performance de gênero. Segundo Butler (2011, p. 34), a performatividade “não deve ser entendida como um ato singular e deliberado, mas como a prática reiterada e referencial mediante a qual o discurso produz os efeitos que nomeia [...] e, à medida que adquire a condição de ato no presente, oculta ou dissimula as convenções das quais é uma repetição”. Para poder materializar seus efeitos, o discurso deve ser entendido como um “conjunto de cadeias complexas e convergentes cujos efeitos são vetores de poder e cuja função tática não é uniforme nem estável” (BUTLER, 2011, p. 267). Se o poder que tem o discurso para produzir aquilo que nomeia está associado à questão da performatividade, logo a performatividade é “uma esfera na qual o poder atua como discurso” (BUTLER, 2011, p. 316). Já a performance é apenas parte do gênero. Por isso, Judith Butler (2011, p. 328) afirma que “seria um erro reduzir a performatividade à manifestação ou atuação do gênero”. Trata-se daquilo que perturba as associações binárias e aponta para o caráter imitativo de todo gênero. Performance, assim, aponta para uma “contingência radical” (BUTLER, 2010,

p. 196) em relação ao gênero e ao sexo, para uma desnaturalização e para o caráter de fabricação de toda identidade sexual. A dimensão contingente do gênero como performance sugere a necessidade de repetição que, ao mesmo tempo em que é a reencenação de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente, é também, a cada vez, uma nova experiência.

Diante dessa compreensão, a performatividade refere-se ao processo complexo da constituição não apenas do gênero, mas também do sexo, por meio da internalização de normas impositivas da heterossexualidade compulsória, que se materializam no corpo como sexo e que criam um efeito de gênero real e estável. Essas normas estabelecem os limites do que será considerado uma formação inteligível do sujeito dentro de determinado contexto histórico. Tal circunstância deve-se ao fato de que “não há criação de si (*poiesis*) fora de um modo de subjetivação e, portanto, não há criação de si fora das normas que orquestram as formas possíveis que o sujeito deve assumir” (BUTLER, 2010, p. 29).

O gênero, nessa perspectiva, não é constituído por um *eu* ou um *nós* preexistentes. Sujeito ao gênero e subjetivado pelo gênero, “o *eu* não está nem antes nem depois do processo dessa generalização, senão que somente emerge dentro (e como a matriz) das relações de gênero mesmo” (BUTLER, 2011, p. 25). Nesse sentido, é necessário pensar que “as masculinidades não são entidades fixas encarnadas nos corpos ou nos traços da personalidade dos sujeitos”, mas são “configurações normativas de práticas que são realizadas nas relações sociais” e que “podem se diferenciar e serem reformuladas de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular” (CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013, p. 250). A construção de masculinidades envolve a eleição de características no conjunto de representações e práticas de gênero e sexualidade disponíveis em um espaço social em um determinado momento. Isso ocorre dentro de um processo de normalização que designa determinados corpos e condutas como normais, desejáveis e corretas em contraposição àquelas consideradas menos normais, mais anormais e menos anormais, e assim por diante.

É nessa perspectiva que observamos o processo de normalização e valoração da masculinidade-monstro a partir de Léo Stronda. Entendemos que tal processo atua no nível do desejo, incitando a ele e outros a se tornarem musculosos e machos o suficiente para serem considerados monstros. Há nisso não apenas o corpo. O corpo é insígnia de um poder internalizado como desejo que se externaliza como forma física. No caso de Léo Stronda, isso ocorre de modo considerado muito bem-sucedido. Ele dociliza o seu corpo a ponto de se adequar aos valores morais contemporâneos de masculinidade e às mutações da biopolítica contemporânea, que responsabiliza os indivíduos pelos próprios bem-estar, felicidade e saúde. Afinal, o poder de normalização opera por meio da produção de desejo de se conformar às normas que certo saber se estabelece. Assim, os indivíduos sentem-se compelidos a regular seus corpos para se conformarem às normas, mas também para falar sobre o que eles “deveriam” e “não deveriam” fazer e confessarem qualquer desvio dessas normas.

## A entrevista de si em fábrica de monstro

Em 14 de abril de 2014, o canal do YouTube *Fábrica de Monstros* publica um vídeo convidando os internautas a se inscreverem naquilo que é classificado como “o maior canal *fitness* do Brasil”, na campanha de publicidade do próprio canal. Na apresentação, Léo Stronda narra os desafios que estão por vir, para ele e para os inscritos no canal. A narração de Stronda diz que “não há vitória sem sacrifícios”, entendimento comum aos praticantes de musculação, pois o repertório simbólico difundido na cultura *fitness* aponta, majoritariamente, para a noção de que sem dor não há ganho. Afinal, a noção de dor elaborada pelos praticantes do *bodybuilding*, como é o caso do narrador Stronda, é um dos principais elementos do processo de desenvolvimento da modelagem corporal por meio da musculação. No contexto do *bodybuilding*, a dor se positiva e se legitima, uma vez que está “diretamente associada à dedicação, aos exercícios, ao domínio estóico das ações e dos desejos” (SABINO e LUZ, 2014, p. 472). Assim, ao adquirir

um corpo musculoso, o aspirante a monstro passa a ser reconhecido pela capacidade de superar ou resistir à dor, o que o possibilita moldar em sua carne “o perfil musculoso do *status* diretamente radicado na forma e no saber como construí-la” (SABINO e LUZ, 2014, p. 473). Ocorre, então, que a superação, como projeto de vida, é acionada constantemente. Léo Stronda chega a declarar o seguinte: “Minha neurose é que nunca estou bom o suficiente. Estou diariamente atrás de algo melhor. Dizem que sou louco, um monstro. É, talvez estejam certos”.

O vídeo *teaser* do canal *Fábrica de Monstros* produziu diferentes reações nos internautas que se inscreveram no canal. A fala de Léo Stronda inicia um processo de construção de autoidentidade como monstro. Para ele, o apego a um conjunto de características procura dar sentido e coerência à identidade pessoal. Aqui ele busca fazer coincidir entre a promessa da manutenção de si pelo caráter: “Sou (...) um monstro”. O “quem” coincide com o “quê”. Assim, a construção dessa autoidentidade, cuja representação maior está em seu próprio corpo, torna-o responsável, como ele mesmo garante, pela fabricação de novos monstrões. Ao dizer que “chegou a hora de você mudar sem desculpas”, o canal *Fábrica de Monstros* constrói uma negociação simbólica com os inscritos. Como podemos observar em alguns dos comentários a esse vídeo, o projeto de ser monstro organiza o relato do narrador quando ele fala de si e do grupo a que pertence e representa. O usuário Rodrigo Filho, por exemplo, em resposta ao vídeo nos diz: “Podemos confiar nele que ele vai ajudar a nos tornar um MONSTRO by Léo Schulz (sic.)”.

Nesse sentido, ser monstro torna-se um projeto, nos termos de Velho (1994). Afinal, um projeto confere sentido duplo à vida de um indivíduo: direção e significado. Ao mesmo tempo que estabelece aonde o indivíduo quer chegar, o projeto traz sentido à existência. Nesse caso, certamente, trata-se de uma passagem do *status* corporal identificado como o de frango ao de monstro. Mas esse tipo de configuração de autoridade pela incorporação da masculinidade normativa acarreta um conjunto de diferenciações. Afinal, é certo que estamos entendendo que as identidades são processadas na relação entre indivíduo e sociedade, especialmente a partir de lógicas hierarquizantes de classificação e valoração. A cultura somática está produzindo uma “ética somática das diferenças, pois em vez de submeter os indivíduos às normatividades tradicionais, ela busca criar pequenas normatividades adequadas à versatilidade do equipamento biológico” (COSTA, 2004, p. 239).

Ao mesmo tempo, há uma relação intensa entre a construção dessa identidade pessoal e a questão moral. Isto é, a valorização do outro e também de si mesmo é uma forma de produção e reprodução de práticas e valores sociais quando há o esforço de criar estigmas por enquadramentos de discursos asseguradas pelo senso comum a respeito dessa identidade corporal masculina. No nosso caso, estamos analisando tanto a revalorização da monstruosidade como a produção de processos de identificação a partir desse modelo hipertrofiado de corpo-monstro masculino.

Não podemos deixar de observar que a foto do perfil no YouTube do espectador nomeado como Rodrigo Filho é do presidente Jair Bolsonaro. Não é à toa essa identificação. Bolsonaro, em suas aparições e posicionamentos públicos, demonstra há mais de três décadas traços de homofobia, misoginia, racismo e autoritarismo, e foi sendo especialmente considerado nos últimos anos um ícone, ou “mito”, como o chamam seus seguidores, da chamada onda conservadora no Brasil (cf., por exemplo, MARANHÃO FILHO et al., 2018). Nesse sentido, a identificação de um seguidor de Bolsonaro com Stronda é completamente plausível e esperada. Stronda constrói a si mesmo como uma figura que desenvolve uma personalidade hiper-heterossexual e constrói uma imagem de si mesmo como um monstro. A imagem que procura construir para si mesmo interliga discursos sobre masculinidade, heteronormatividade, agressividade, individualismo e narcisismo.

Além disso, cabe ressaltar no comentário de Rodrigo Filho a confiança em Léo Stronda para fazê-lo se tornar um monstro. Como já dissemos, reconhecer o corpo como um projeto implica a aceitação de que seu tamanho, forma e aparência estão sujeitos a reconstrução de acordo com os projetos de seu proprietário. A cultura somática contemporânea requer a consciência do indivíduo sobre o gerenciamento

e a estética de seu corpo. Isso exige o reconhecimento do corpo como um recurso pessoal e social que projeta a identidade de uma pessoa. Portanto, os corpos tornam-se “objetos maleáveis que podem ser moldados pela vigilância e pelo trabalho árduo de seus donos” (SHILLING, 1993, p. 5).

A impressão de que Léo Stronda será capaz de transformar o corpo dos seguidores em monstros é corrente, como podemos ver no comentário do internauta Felipe Santos ao dizer “eu sou frango gordo mas curti pq vai mudar a minha vida!”.

Nessa postagem, está bastante evidente que há uma hierarquização entre o corpo-frango e o corpo-monstro associada a uma outra, entre o magro e o gordo. Na cultura *fitness*, ser frango gordo é muito mais pejorativo e subalternizado. No entanto, Felipe Santos afirma crer em Léo Stronda para mudar a sua vida. Mais uma vez, o corpo-monstro é projeto: dá direção e significado à vida.

A autoridade de Léo Stronda para poder “mudar a vida” está sobretudo inscrita em seu corpo. A titulação de Stronda não é acadêmica, mas é o seu próprio corpo, que atua como insígnia de um trabalho intenso de dedicação e modelação corporal por meio de dieta e exercícios físicos. Assim, o corpo, ele mesmo, se torna capital simbólico. Trata-se de um corpo distintivo, um corpo conquistado por meio de muito investimento financeiro, trabalho e sacrifício (GOLDENBERG e RAMOS, 2002). Tornar-se monstro é, portanto, um novo significante corporal de um modelo de masculinidade normativa. Isso faz com que determinados indivíduos estejam em posição de conselheiros e outros de aconselhados, ou ainda, mestres e aprendizes.

Assim, voltando a Bourdieu (1989), o que está em jogo nas lutas identitárias não é apenas “ser percebido que existe fundamentalmente pelo reconhecimento dos outros”, mas ser dotado da capacidade de “imposição de percepção e categorias de percepção” (BOURDIEU, 1989, p. 117). Acreditamos que, entre os seus seguidores, Léo Stronda adquire essa autoridade masculina para “fazer ver” e “fazer crer”, quando aconselha e conquista reconhecimento. Afinal, se o poder simbólico é o poder de “fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto, o mundo” (BOURDIEU, 1989, p.14), é preciso, como analista, observar a “luta pela conservação ou pela transformação do mundo social por meio da conservação ou da transformação da visão do mundo social” (BOURDIEU, 1989, p.174). Nesse sentido, Léo Stronda baseia a sua autoridade na experiência de ter conseguido ter um corpo-monstro, numa sociedade que valoriza a hipertrofia muscular como signo de masculinidade dominante.

O vídeo do quadro Convidado monstro, do canal *Fábrica de Monstros*, publicado no dia 20 de abril de 2015, é o exemplo de descrição do projeto desenvolvido pela figura de Léo Stronda que, de forma inusitada, se autoentrevista. Ao falar de si, anuncia o seguinte perfil:

Nós vamos entrevistar aqui a celebridade do mundo *fitness*, do mundo *bodybuilding*, do mundo do *hip-hop*, do mundo do *rap*. O cara é brabo (sic.) demais, e eu sou muito fã, tá? Ele que trouxe uma nova cara para o esporte nacional, ele que trouxe um novo Know-how para o *hip-hop* brasileiro, um cara assim sem palavras, eu nem vou gastar elogios aqui porque ele mesmo já se basta, tá bom? Estamos aqui e vamos entrevistar hoje o nosso querido Léo Stronda, o monstro dos monstros.

Ao se apresentar, Stronda se refere como um sujeito de sucesso, como uma figura que alcançou os objetivos de se tornar uma celebridade nacional, destacando primordialmente as conquistas realizadas em diferentes áreas das artes e do esporte.<sup>4</sup> Este último, sobretudo, é a marca que constitui a imagem pública de Léo Stronda, o monstro com formas corporais exageradas e conhecedor de técnicas de

---

4 Léo Stronda não iniciou sua carreira como *youtuber*, mas como cantor. Juntamente com Diego Thug, MC Night e MC Cot, ele formou, em 2006, um grupo carioca de funk e hip-hop, o Bonde da Stronda. O grupo se popularizou entre os jovens por meio da Internet por suas músicas abordarem, de modo politicamente incorreto, as noitadas, as bebedeiras, os namoros, as relações sexuais, as mulheres, o cotidiano. Desde 2009, a banda se tornou uma dupla com a saída de MC Cot em 2007 e a de MC Night em 2008.



aperfeiçoamento corporal – sob a égide do *bodybuilding*. O esporte, nesse sentido, tornou-se o símbolo da conduta moral de Léo Stronda em governar a si mesmo, cujos resultados dos exercícios físicos são demonstrados na sua própria dimensão corporal.

O pensamento do sociólogo francês Alain Ehrenberg sobre o papel do esporte nas sociedades contemporâneas é imprescindível para a compreensão do fenômeno social do monstro Léo Stronda. Ehrenberg (2010) afirma que o esporte passou a agregar uma valoração social jamais vista, tornando-o uma catapulta para os discursos de autonomia do sujeito contemporâneo. Além disso, salienta Ehrenberg, o esporte se espalhou no cotidiano social e tornou-se um motor de práticas de governo de si. O autor considera que atualmente o esporte “é um *sistema de condutas de si* que consiste em implicar o indivíduo na formação de sua autonomia e de sua responsabilidade” (EHRENBURG, 2010, p. 18). Como sujeito autônomo, o monstro Léo Stronda explica que a presença da musculação em sua vida ocorreu pela via da insatisfação com o corpo. Em sua entrevista de si, quando perguntado pelo motivo que o levou para as práticas de musculação, ele afirma que “o problema é que eu, pessoalmente, não gostava de me sentir pequeno, eu queria ser grande”. Léo Stronda, remete à ideia de fragilidade, pequenez e fracasso, valores morais que estão em constante disputa nas sociedades contemporâneas, cujos projetos de vida estão associados a uma busca pelos ideais de alta performance, de desempenho avançado, de transposição de barreiras e obstáculos, de vitória, de sucesso e, sobretudo, de força. Além disso, destaca-se toda uma trajetória de busca por aperfeiçoamento e autorrealização. Isso ocorre, sobretudo, no desejo dos resultados advindos das práticas esportivas, o famoso treino. Perguntado se há uma fórmula para alcançar bons resultados (tornar-se monstro), Léo Stronda reitera que “não tem fórmula mágica para ficar monstro, muito menos em três meses. Isso não existe, tá? O que existe é dedicação, treino, dieta e descanso”.

O papel de aconselhamento produzido por Léo Stronda traduz aquilo que Nikolas Rose (2011) aponta como a dimensão da *expertise* contemporânea como técnica usada por diferentes sujeitos com o intuito de aconselhar os demais acerca do domínio de si:

[Assim], indivíduos contemporâneos são incitados a viver como se fossem *projetos*: eles devem *trabalhar* seu mundo emocional, seus arranjos domésticos e conjugais, suas relações com o emprego e suas técnicas de prazer sexual; devem desenvolver um “estilo” de vida que maximizará o valor de suas existências para eles mesmos (ROSE, 2011, p. 218, destaques no original).

Léo Stronda demonstra a sua *expertise* em relação às práticas esportivas da musculação e aconselha os inscritos no canal *Fábrica de Monstros*. Ela mais do que ajuda outros a encontrarem formas de conquistar o corpo-monstro, como também é experto. Segundo Rose (2011), a *expertise* tem o caráter de “atribuição de autoridade com relação à ‘condução da conduta’” (ROSE, 2011, p. 217). Nesse sentido, a competência da *expertise* em governar a si e aos outros é potente. Ela causa, sobretudo, um efeito de produção de sujeito, além do referendo à autoridade do conselheiro, cujo trabalho é desenvolver projetos de vida. É recorrente o pedido de ajuda solicitado pelos inscritos no canal, pois há um reconhecimento das qualidades de aconselhamento presente no discurso de Léo Stronda. No comentário a seguir, a narrativa de vida de Léo Stronda da época de frango na adolescência – tema abordado no vídeo – se desmembra em histórias pessoais. Em outras palavras, os internautas inscritos no canal buscam conselhos daquilo que foi vivido pelo *youtuber*, buscando trilhar o caminho colocado como certo para ser monstro também. Patrick Farias, por exemplo, diz que, assim como Léo Stronda, gosta de malhar e quer deixar de ser de ser frango desde adolescência. O internauta faz uma pergunta ao *youtuber*: “Léo, tenho 14 anos e gosto de malhar, nunca tomei nenhum suplemento. Sabe se suplementos, principalmente o whey, e treinos intensos prejudicam na minha altura?”

Patrick não recebe uma resposta do seu ídolo. Mas a pergunta é respondida por Stronda em outros vídeos do canal, em que ele recomenda o uso de Whey Protein. Diz, ainda, que fazia uso de suplementação desde quando começou a malhar, na adolescência. Há uma confiança generalizada em

Stronda por parte de seus espectadores. Com base nesses comentários, já temos alguns indicativos de que os processos de produção e apropriação dos recursos biomédicos com fins de aprimoramento têm talvez como finalidade muito menos ajudar a reinscrever as diferenças em termos corporais e bem mais acentuar e legitimar as características associadas a uma masculinidade esperada. Nesse contexto, Léo Stronda funciona tanto como modelo de corpo e performance masculina quanto como conselheiro sobre as formas de conquistar tal padrão.

Se seguirmos pensando sobre a relação entre expertise e identidade a partir de uma rede de agentes e agências sociais, com seus fluxos e interações, podemos perceber o estabelecimento de um projeto comum: tornar-se monstro. Esse projeto tem como referência alguns conselheiros, líderes ou *coaches*, que são reconhecidos pela capacidade de maximizar as chances de um determinado indivíduo conquistar certo objetivo corporal, e assim adquirir determinado reconhecimento ou, antes, a passagem e o pertencimento a um grupo superior ao dele, passando, no caso, de frango a monstro. Nesse sentido, Felipe Macêdo, ao comentar, se identifica com Léo Stronda e passa ter esperança, achando que é igual ao ídolo e que terá a mesma história de sucesso que ele teve. Felipe Macêdo diz: “Eu sou igual o leo cara tenho 15 anos e 1,51 de altura, acho q vou percorrer na mesma historia dele tbm já fui no medico so q a medica falo nd de musculacao pq atrapalha no crescimento, ela falo pra fazer lutas mas odeio lutas eu sou um anao os cara vao me janta na porrada (sic.)”.

A identificação das narrativas de vida do *youtuber* Léo Stronda e dos inscritos no canal *Fábrica de Monstros* é acionada constantemente nos comentários dos vídeos, trazendo para o debate o caráter interacional (e de identificação) que existe no processo de formação da imagem de si (e dos outros) construída por Stronda. A história de vida de Léo Stronda surge em replicações (r)elaboradas pelos internautas, demonstrando identificação com a narrativa e adensando uma relação de confiança entre o *youtuber* e seus fãs. Ou seja, o papel de figura de autoridade, associada à memória de seu passado como frango, consolida uma imagem de Léo Stronda como herói, como fonte de inspiração, como sujeito exemplar. Diante disso, podemos considerar que o canal *Fábrica de Monstros* desenvolve um processo de “culto da performance”, cujo epicentro está na ideia de que há um “estilo de vida, e não apenas exercício físico; um estado de espírito mais do que uma distração ou uma pedagogia virtuosa do corpo” (EHRENBERG, 2010, p. 17).

## A entrevista em *The Noite com Danilo Gentili*

A entrevista cedida por Léo Stronda ao apresentador de TV Danilo Gentili conserva as características da afirmação do projeto de masculinidade-monstro. O programa *The Night*, do dia 30 de dezembro de 2015, trouxe ao palco a celebridade *fitness*, cuja apresentação afirmava: “nosso próximo convidado é boladão, odeia os frango (sic.) e veio aqui dar regaço. Eu já fui direto ao ponto. Léo Stronda!!!!”. Em linhas gerais, a entrevista girou em torno da história de vida de Léo Stronda, passando pela narrativa do processo que o fez aderir à musculação. É nesse vídeo que ele explica o que é ser monstro, como vemos no seguinte trecho da entrevista:

Danilo Gentili: “O quê que é monstro? Você se considera um monstro?”

Léo Stronda: “Sim! hoje em dia, sim”.

Danilo Gentili: “Porque você abusa de criança, bate em velhinho?” [Plateia rindo]

Danilo Gentili: “Bate em mulher?”

Léo Stronda: “Monstro mesmo na carcaça, na aparência”.

Danilo Gentili: “Na carcaça...”

Léo Stronda: “É porque tem essa gíria no mundo da musculação, entendeu? Monstro é o cara que já chegou num nível mais alto, entendeu?”

O discurso de Léo Stronda sobre ser monstro afirma um deslocamento da ideia de monstruosidade. Acreditamos que o conceito negociado pelo *youtuber* está associado, sobretudo, à estética do corpo avolumado pelos exercícios físicos, tratando de evidenciar uma simbolização localizada no seio da cultura *fitness*. Ou seja, não se trata aqui de pensarmos nas figuras teratológicas da Idade Média (GIL, 2006), muito menos dos anormais, dos monstros morais, criminosos e delinquentes (FOUCAULT, 2010). A transfiguração do sentido de monstro da cultura *fitness* trata de apontar para o processo de ir além dos limites corporais, na busca da “construção” do corpo-monstro. Essa “monstruosidade banal” está presente na proliferação de figuras monstruosas na cultura contemporânea, principalmente nas produções culturais, literárias, cinematográficas etc. Evidencia-se isso quando Léo Stronda exemplifica, na entrevista, uma imagem-símbolo do corpo que gostaria de ter:

Danilo Gentili: “Quando você assiste *Os vingadores*, você fala, esse Hulk aí, eu chego lá”.

Léo Stronda: “É, eu me amarro. O Hulk é o meu predileto”.

O corpo monstruoso, segundo Jeffrey Jerome Cohen (2000), é constituído pela própria cultura que o engendra: “o corpo do monstro incorpora — de modo bastante literal — medo, desejo, ansiedade e fantasia (ataráxica ou incendiária), dando-lhes uma vida e uma estranha independência” (COHEN, 2000, p. 26-27). Logo, trata-se de pensarmos que o corpo monstro da cultura *fitness* está em marcha no momento em que os cuidados com o corpo ganham uma tônica moralizante (SHILLING, 1993).

Ocorre que a produção simbólica acerca do monstro comporta não apenas essa imagem apolínea do corpo *fitness*, mas também aqueles corpos contrastantes. Nesse caso, a figura do frango é o corpo em diálogo e tensão, é o outro: o corpo em desvio, a anormalidade, em relação à normalização do corpo-monstro. Quando perguntado sobre a parceria que Léo Stronda faz com Mr. Thug na banda Bonde do Stronda, o sentimento de repulsa ao corpo magro se estabelece na entrevista:

Danilo Gentili: “Agora o seu colega, o Mr. Thug”

Léo Stronda: “Mr. Thug, o Diego”...

Danilo Gentili: “Ele é meio frango, né?”

Léo Stronda: “Ele é franguíssimo, né? É outro nível de...de...”

Danilo Gentili: “Tem uma foto aqui” [mostrando uma foto do Mr. Thug ao lado de Léo Stronda].

Léo Stronda: “É outro estilo...”

Danilo Gentili: “É o Mister Frango, vai...”

Léo Stronda: “É o Mister Frango”

Danilo Gentili: “E você que é um monstro, fica frente a frente com um frango desse [referindo-se ao Mister Thug, parceiro de Léo Stronda no Bonde do Stronda], você não tem vontade de socar um frango desses? Não é da natureza de um monstro pegar um frango desses pelo pescoço?”

Léo Stronda: “É da natureza, é natureza”. [concorda].

Léo Stronda reitera um posicionamento do monstro *fitness* ligado à violência, principalmente quando confrontado com existências corporais que destoam do paradigma de governo de si articulado pela moral da cultura *fitness*. O macho alfa, como se autodeclara, exerce o papel de dominação de si e dos outros. Logo, cabe ao macho alfa, sendo ele o monstro, atacar os demais e impor os seus próprios desejos. Nesse sentido, a perspectiva do gênero masculino como detentor do papel de violação é ratificada pelo *ethos* apresentado por Léo Stronda. Esse macho mantém submisso todos os corpos que não se enquadram nos ideais de poder e força articulados nas relações de gênero. Ocorre que, nitidamente, Léo Stronda articula performances de gênero que buscam estilizar o macho, consagrando assim uma atitude reiterada do que é ser macho alfa. Nesse sentido, concordamos com Judith Butler (2010) ao invocar a noção de gênero como performance estabelecida em atos. A autora destaca que devemos pensar o gênero como um efeito das repetições que estabilizam a imagem dos gêneros. Logo, podemos concluir que “o efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanentemente marcado pelo gênero” (BUTLER, 2010, p. 200).

O argumento butleriano nos incita a perceber a identidade forjada por Léo Stronda como um efeito das políticas de gênero que formam a heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2010). Portanto, o caráter violento e dominador apresentado na performance de gênero de Léo Stronda escancara a necessidade de reiteração constante da dimensão de dominação, seja ela simbólica ou material. Nesse sentido, o frango é o sujeito que fracassou na busca pela manutenção da masculinidade viril – aqui atrelado à imagem do corpo volumoso das práticas esportivas, sendo ele apenas um corpo considerado frágil que deve ser subjugado aos desejos do macho alfa, que, nesse caso, é o monstro. Esse cenário demonstra quão problemática é a configuração do monstro *fitness*, justamente por (r)elaborar estratégias e práticas de reforço do binarismo sexual e de gênero. O comentário de Fabio Cristofori, por exemplo, demonstra como a expectativa do corpo másculo do macho alfa contemporâneo está diretamente ligada a um desejo exacerbado em relação aos músculos, declarando um possível fracasso do apresentador Danilo Gentili por ser frango: “É patético e vergonhosa a cena que Danilo Gentili exhibe seu bíceps ridículo de 32cm. Para um homem de 1,91 de altura e um bíceps desse eu só posso dizer que ele não representa os homens! Meus pêsames Danilo, snif, snif, snif...”.

Léo Stronda busca construir uma autoidentidade hipermasculina, bastante presente no fato de que aspira a desenvolver um tipo corpo conhecido pela mesomorfia muscular, que é caracterizada por músculos do tórax e braço bem desenvolvidos e ombros largos que se estreitam até uma cintura estreita. A forma mesomórfica está ligada a visões culturais de masculinidade que ditam que os homens sejam poderosos, fortes, competentes e controlem seu ambiente. É como se, em outras palavras, a hipertrofia contribuísse para garantir, manter e expandir a masculinidade.

Na entrevista, Léo Stronda percebeu um corpo magro como de sua dupla no Bonde da Stronda, como repugnante, porque negava as normas culturais de desejo masculino, incluindo dureza e poder físico. Tais características indesejáveis poderiam, no entanto, ser aliviadas ou desapareceriam com o desenvolvimento de um corpo musculado e tonificado. Mas isso exigia a resistência ao treinamento metódico sistemático, o esgotamento físico e a superação de obstáculos, incluindo lesões e aquele momento decepcionante em que os músculos alcançam um platô e, subsequentemente, param de crescer. Nesse sentido, o compromisso de construir e fortalecer o próprio corpo funciona como um símbolo da aspiração ascendente bem-sucedida para aqueles que são mais responsáveis consigo mesmo. Como reforçou Stronda nesta e na outra entrevista, com autodisciplina e autocontrole, é possível conquistar um corpo-monstro, permitindo-lhe ser reconhecida sua superioridade, baseada nos ideais de hipermasculinidade,

incluindo autoridade e dominação.

## Considerações Finais

Léo Stronda ressalta, sobretudo, um processo instigante sobre as alterações do conceito de monstro. Acreditamos que a transformação do monstro contemporâneo, cuja existência está pautada pelo ímpeto da cultura *fitness*, acontece inicialmente pela rejeição da compreensão moderna de monstruosidade, afastando o julgamento moral acerca das figuras patológicas do século XIX. Como vimos, o monstro moderno é aquele que atravessou as barreiras impostas pelas leis sociais e biológicas, tornando-se um ser perigoso. A contemporaneidade, por sua vez, fez surgir novos horizontes para a monstruosidade. O *projeto* de monstro exaltado nas falas de Léo Stronda, por exemplo, é uma entidade positivada, repleta de agenciamento e motivação, vivendo sempre em busca de resultados de alta performance, dialogando constantemente com o risco. Ao dizer que “monstro é o cara que já chegou num nível mais alto” das práticas de musculação, Léo Stronda posiciona o sentido de monstro no interior de um conjunto de práticas de cuidado com o corpo e a aparência, destoando de toda valoração moral que existia na modernidade. Em outras palavras, o monstro exortado pelo *bodybuilder* Léo Stronda desloca o sentido arraigado na história da monstruosidade e situa essa nova compreensão em meio ao arsenal simbólico da cultura *fitness*. Isso ocorre porque na cultura contemporânea o corpo masculino hipertrofiado externa “hipermasculinidade”, dando ao seu portador um reconhecimento de uma virilidade que o diferenciaria de outros homens, evidenciando assim sua dita superioridade na relação com outros homens, especialmente os considerados frangos.

Entra em cena uma nova dinâmica de moralização. A cultura *fitness* como promotora de uma saúde performática produz um conjunto de demonizações de determinadas comidas, corpos e condutas. Desse modo, a possibilidade de aceitação pessoal e coletiva parece estar sendo cada vez mais vinculada nesse contexto não apenas à transformação corporal, mas sobretudo ao conjunto de mudanças de hábitos e comportamentos realizados pelos indivíduos. O corpo-monstro é menos uma forma física do que um estilo de vida. É a forma física de um estilo de vida, mas também de masculinidade normalizada.

Procuramos explorar como Léo Stronda e seus jovens seguidores dão sentido a seus próprios corpos e trajetórias, ao mesmo tempo em que buscam por meio de representações midiáticas dos corpos de outros homens o estímulo para a conquista de seus próprios objetivos. Dessa forma, estão engajados na tarefa de entender como eles são posicionados como homens por essas imagens, e os tipos de masculinidades disponíveis para eles. Esse foco na construção de significado é importante para entender a intersecção de projetos, práticas e identidades a partir da perspectiva dos próprios atores sociais, suas falas e comentários. O monstro *fitness* é aquele que apresenta em “sua carcaça”, parafraseando Léo Stronda, os resultados do processo de crescimento da massa corporal. Portanto, não há limites para o monstro, pois a lógica contemporânea de gestão de si institui uma busca por alta performance.

## Referências

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1989.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter**. New York: Routledge, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: COHEN, Jeffrey Jerome (Org). **Pedagogia dos monstros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito.

**Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241-281, jan./abr. 2013.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura: Corpo e Consumismo na Moral do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance**. São Paulo: Ideias & Letras, 2010.

FEATHERSTONE, Mike. The body in the consumer culture. *In*: FEATHERSTONE, Mike.

HEPWORTH, Mike; TURNER, Bryan (Eds.). **The body**. London: Sage, 1991. p. 170-196.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade do saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GIL, José. **Monstros**. Lisboa: Relógio D'água, 2006.

GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: o corpo como valor. *In*: GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Nu & vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 19-40.

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque; COELHO, Fernanda Marina Feitosa; DIAS, Tainah Biela. Fake news acima de tudo, fake news acima de todos: Bolsonaro e o “kit gay”, “ideologia de gênero” e fim da “família tradicional”. **Correlatio**, v. 17, n. 2, p. 65-90, dez. 2018.

ROSE, Nikolas. **A política da própria vida**. Petrópolis: Vozes, 2014.

ROSE, Nikolas. **Inventando nossos selfs**. Petrópolis: Vozes, 2011.

SABINO, César; LUZ, Madel. Forma da dor e dor da forma: significado e função da dor física entre praticantes de bodybuilding em academias de musculação do Rio de Janeiro. **Physis**, v. 24, n. 2, p. 467-490, 2014.

SHILLING, Cris. **The body and the social theory**. London: Sage, 1993.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

---

Igor Sacramento é doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ, sendo professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde da Fiocruz. Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica; interpretação dos dados; apoio na revisão de texto; redação do manuscrito e revisão da versão em língua estrangeira.

Danielle Ramos Brasiense é doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ e professora do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da UFF. Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica; interpretação dos dados; apoio na revisão de texto; redação do manuscrito e revisão da versão em língua estrangeira.

Julio Cesar Sanches é doutorando em Comunicação e Cultura pela UFRJ, mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense, professor substituto do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos da UFBA (IHAC/UFBA). Bolsista CAPES. Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica; interpretação dos dados; apoio na revisão de texto; redação do manuscrito e revisão da versão em língua estrangeira.